

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

16 e 28 de Dezembro de 2019

OK-HUI-UI-YEONGHWA / 2010

“O FILME DE OKI”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Park Hong-yeol, Jee Yunejeong *Som:* Kim Mir, Lee Yurim *Montagem:* Hahn Sung-won *Música:* Jeong Yong-jin, We Zongyun *Interpretação:* Lee Sunkyun (Nam Jin-Goo), Moon Sungkeun (Professor Song), Seo Younghwa (Jang Suyang), Song Kihyung (Professor Oh) – 1º segmento (27' aprox.); Lee Sunkyun (Jingu), Jung Yu-mi (Oki), Moon Sungkeun (Professor Song), Kim Jinkyung (amigo de Oki) – 2º segmento (25' aprox.); Moon Sungkeun (Realizador Song), Jung Yumi (Oki), Lee Sunkyun (Jingu), Song Kihyung (Professor Oh) – 3º segmento (9' aprox.); Jung Yumi (Oki), Moon Sungkeun (o homem mais velho), Lee Sunkyun (o homem mais novo) – 4º segmento (16' aprox.).

Produção: Jeonwonsa Film (República da Coreia, 2010) *Produtor:* Kim Kyoung-hee *Cópia:* Fine Cut, blu ray, cor, legendada em inglês e electronicamente em português, 80 minutos *Título internacional:* OKI'S MOVIE *Primeira apresentação pública:* 11 de Setembro de 2010, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

Para Oki, Hong Sang-soo construiu um filme em quatro segmentos de duração distinta, passados em tempos diferentes e cronologicamente desalinados na lógica da progressão narrativa. Quatro andamentos? Um filme de quatro filmes? Três filmes no filme? O que “O FILME DE OKI” identifica nos planos separadores dos respectivos mini-genéricos sobre fundo colorido é, por esta ordem, “Um Dia de Encantar” (ou “Um dia a Cantar”, dependendo das versões da tradução inglesa), “O Rei dos Beijos”, “Depois da Tempestade de Neve”, “O Filme de Oki”. Com “Pompa e Circunstância”. A *Marcha Militar Op. 39* dá o tom e liga os segmentos, espriando-se pelos planos iniciais breves e sincopados do primeiro antes da primeira personagem surgir em campo, entrando no plano a fumar e dobrando um incompreensível “Ddaedabomok Jijilcaenabonba!” Abracadabra? *Eid Ma Clack Shaw* como na canção de Bill Callahan? Do mesmo ano de HAHAAA, em que se faz a evocação das visitas separadas à mesma cidade balnear por dois amigos que sem o saberem conviveram no mesmo tempo e no mesmo espaço com as mesmas pessoas, “O FILME DE OKI” ensaia igualmente a experimentação narrativa convocando a memória e esgrimindo desdobramentos de pontos de vista para permitir uma espécie de recomposição de puzzle. Ou então iludir com ela.

“A tua sinceridade precisa da sua própria forma. A forma levar-te-á à verdade. Contá-la tal como se apresenta não te permitirá atingi-la.” A sentença é proferida por pedagogia no primeiro segmento quando o realizador-professor analisa o trabalho de uma aluna, servindo como uma luva ao cinema de Hong Sang-soo onde, não raras vezes, as personagens exprimem pontos de vista *em acordo* com o pensamento e a prática do realizador. Com alguma elaboração ou demora discursiva, por exemplo em “MULHER NA PRAIA” (2006), “COMO SE SOUBESSES TUDO” (2009), “O DIA EM QUE ELE CHEGA” (2011). No “FILME DE OKI” há mais exemplos, e a formulação do desejo de um cineasta em trabalhar a mesma complexidade de uma coisa viva (numa conversa com o público), mas a máxima acima aplica-se sobremaneira à estrutura narrativa do filme assente na multiplicidade das perspectivas de três personagens cujos papéis implicam diferenças e justaposições: um veterano que se dedica ao ensino do cinema, um realizador mais novo com uma filmografia de várias curtas-metragens e uma jovem estudante de cinema.

A abrir, a história sem final feliz do realizador que perdeu as graças da realização no dia em que desconfia da mulher (ela começa por chamar-lhe o nome de outro homem, desvalorizando o engano: “Saiu-me.”) e que, algo embriagado, comparece no final da projecção de um dos seus filmes onde acaba a ser insultado por uma espectadora como alguém que em tempos se portou mal com uma mulher. Nam não se recorda, ou assim diz, saindo de cena acabrunhado. O segundo “capítulo” propõe um flashback encontrando um mais jovem Nam como estudante da escola em que um professor elogia o seu trabalho final criando a expectativa, logo gorada,

de que viesse a ser premiado por essa sua curta-metragem na mostra de filmes de estudantes a decorrer na Cinemateca. Nam é por outro lado apresentado como o rapaz que se encanta por uma colega, Oki, que está a recuperar de uma relação com um homem mais velho, casado: afirmando a sua inexperiência amorosa, Nam acaba por iniciar uma relação com ela, a sua “primeira vez sexual”, depois de lhe provar que é bom em beijos. No terceiro segmento, Seul está inundada de neve no dia pós tempestade que afastou os alunos da escola: à aula do professor Song, que por sua vez anuncia ter perdido as graças do ensino, só comparecem Nam e Oki, acabando os três numa conversa sobre relacionamentos, amor e sexualidade. O “filme de Oki” a que Hong Sang-soo vai buscar o título do filme, como fará no binário SÍTIO CERTO, HISTÓRIA ERRADA (2015, também nomeado a partir do último segmento), corresponde à curta-metragem da rapariga enquanto jovem estudante: narrado em off na primeira pessoa, o filme conta a história paralela de dois relacionamentos mantidos com um “homem mais velho” e um “homem mais novo” com quem a rapariga visitou o mesmo Monte Acha, no sul da cidade, em dois Invernos num intervalo de dois anos.

No final do “filme de Oki”, repetindo o padrão da personagem que se afasta de costas no desfecho de cada segmento do “FILME DE OKI”, a imagem mostra o homem mais velho a afastar-se de costas. Mas sendo este “fim” o “fim”, sucede-lhe um último plano do casal formado pelos outros dois, que caminham num sentido inverso, aproximando-se da câmara e saindo de campo. A narração off de Oki remata: “As coisas repetem-se com diferenças que não consigo compreender. Queria ver os dois lado a lado. Escolhi estes actores pela sua parecença com as pessoas reais. Mas os limites da parecença podem reduzir o efeito da junção dos dois.” Assente na montagem paralela de acções genericamente idênticas no mesmo cenário com as variações implicadas pela diferença do protagonista masculino, este último segmento tem de facto um registo de “filme de escola” em que as ideias de cinema compõem um exercício estimulante sem deixarem de iludir a costura programática. Chega-se a ele a mais ou menos uma hora de filme, desbravado um caminho de tempos distintos numa ronda em que entram as mesmas personagens. Sai-se dele saindo do filme de Hong Sang-soo, do lado despedaçado e ainda assim caloroso das personagens.

Além da pompa militar na banda de som, a passagem entre os segmentos – apresentados como autónomos – sugere ligações de continuidade e descontinuidade: do primeiro para o segundo, o raccord com a imagem de um genérico de filme num monitor de computador pode ou não dizer que acabámos de ver o filme que acabámos de ver; no final do segundo, a mesma personagem numa idade diferente sai da mesma porta do início do primeiro a fumar da mesma maneira, reflectindo se merece a rapariga que acredita “ter” (é, pelo menos, o verbo usado em inglês) antes de se afastar com ela num dia de frio que os dois não sentem; o terceiro arranca com o plano da sala de aulas deserta que aguarda o professor que no final se afasta sozinho; no quarto, a narradora começa por explicar ao que vem, falando da culpa e da alegria de ter percorrido o mesmo caminho com dois homens cumprindo duas experiências na mesma montanha nevada em momentos em rima. Só a combinação dos quatro segmentos elucida a complexidade alternativa por detrás da hipótese do quebra-cabeças formado por peças de formato desigual cujo ajuste possibilita a formação de uma imagem. A natureza da ficção, em tempos e hipóteses múltiplas de leitura, das divagações mediadas pelo mecanismo vivo da memória ao flashback ou à fantasia, pode ser o fulcro da coisa.

Seja como for, repare-se no desabafo sobre o estado do mundo, em que é difícil fazer cinema como arte. É na conversa entre o homem mais velho e homem mais novo no segmento inicial que não os identifica assim e os põe a conversar antes da ida ao restaurante chinês. “Vamos dedicar-nos à leitura. Num mundo tão virado ao contrário, só os livros podem salvar-nos.”

Seja como for, note-se como o encadeado dos segmentos favorece a perspectiva masculina, desdobrada, para a ceder à visão da rapariga, que noutra passo confia gracejando com uma amiga, “Parece que está toda a gente a apaixonar-se por mim”. Por ela, Oki, interpretada por Jung Yu-mi, já conhecida do cinema de Hong Sang-soo por “COMO SE SOUBESSES TUDO” (2009) e a curta CHEOPCHEOPSANJUNG / LOST IN THE MOUNTAINS (2009), e que será a Sunhi do outro Hong com nome de mulher (“A NOSSA SUNHI”, 2013).

Seja como for, observe-se a sequência em que Nam, vagamente adormecido num banco de madeira ao ar livre, reage à aproximação de uma rapariga com uma máquina fotográfica, negando-se a ser fotografado com uma reprimenda. É o raccord para o Hong Sang-soo seguinte, “O DIA EM QUE ELE CHEGA” (2011) que acaba com o plano do protagonista atordoado depois de várias hipóteses novelísticas, a posar acidentalmente para a câmara de uma desconhecida num Inverno de outra história da mesma cidade.

Maria João Madeira